



*Organizadoras*

Ana Karina Fachini Araujo

Suzana Alves Viana

Talita Cristina Somensi Dias

PSICANÁLISE

# O pensar hoje

*Ataques ao pensamento na atualidade  
a partir das contribuições de Klein e Bion*

**Blucher**

# O PENSAR HOJE

*Ataques ao pensamento na atualidade a  
partir das contribuições de Klein e Bion*

Organizadoras

Ana Karina Fachini Araujo

Suzana Alves Viana

Talita Cristina Somensi Dias

*O pensar hoje: ataques ao pensamento na atualidade a partir das contribuições de Klein e Bion*

© 2022 Ana Karina Fachini Araujo, Suzana Alves Viana, Talita Cristina

Somensis Dias

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Thaís Costa

*Preparação de texto* Vânia Cavalcanti

*Diagramação* Guilherme Henrique

*Revisão de texto* MPMB

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* Wikiart

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blucher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

O pensar hoje : ataques ao pensamento na atualidade a partir das contribuições de Klein e Bion / organizado por Ana Karina Fachini Araujo, Suzana Alves Viana, Talita Cristina Somensi Dias. – São Paulo: Blucher, 2022.

296 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-515-2 (impresso)

ISBN 978-65-5506-511-4 (digital)

1. Psicanálise 2. Klein, Melanie – 1882-1960 3. Bion, Wilfred – 1897-1979 I. Araujo, Ana Karina Fachini II. Viana, Suzana Alves III. Somensi Dias, Talita Cristina

---

22-1812

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

<b>Primeira parte: Raízes kleinianas no pensamento psicanalítico contemporâneo</b>	<b>17</b>
1. Richard e Dick, paradigmas para uma estética do pensamento em Melanie Klein – <i>Suzana Alves Viana</i>	19
2. A fantasia somática como manifestação de violência – <i>Maria Luiza Scrosoppi Persicano</i>	37
3. Superego invejoso: uma dimensão do superego sádico e cruel – <i>Eliane Michelini Marraccini</i>	59
4. A ambivalência de base e seus destinos: considerações a partir do segundo dualismo pulsional – <i>Luís Claudio Figueiredo</i>	81
<b>Segunda parte: A clínica viva e múltiplas relações de objeto</b>	<b>99</b>
5. Entre sonhos e narrações na psicanálise com crianças – <i>Talita Cristina Somensi Dias</i>	101

6. Recordar, repetir para não elaborar? Dificuldades e hesitações diante da travessia da posição depressiva – <i>Ana Karina Fachini Araujo</i>	129
7. Interpretação como <i>rêverie</i> – <i>Armando Colognese Junior</i>	149
8. Da normopatia à perversão: clausuras do <i>self</i> – <i>Maria Beatriz Romano de Godoy</i>	167
9. Me escondo, dizendo que vou... Me acalmo, não vendo que fujo... – <i>Cecilia Noemí Morelli de Camargo</i>	189
10. O terceiro analítico e a <i>regrediência da dupla</i> : uma experiência de enlouquecimento da analista – <i>Gina Tamburrino</i>	205
<b>Terceira parte: As ameaças e os ataques ao pensar hoje</b>	<b>217</b>
11. Fanatismo: reflexões a partir de fenômenos do campo analítico – <i>Roosevelt Cassorla</i>	219
12. Um ensaio psicanalítico sobre modalidades do ódio – <i>Arnaldo Chuster</i>	255
13. A pandemia e o eterno retorno – <i>Julio Frochtengarten</i>	275
14. Os dias têm uma diferença que ainda busca palavra: uma experiência de cesura – <i>Marina F. R. Ribeiro</i>	285

# 1. Richard e Dick, paradigmas para uma estética do pensamento em Melanie Klein

*Suzana Alves Viana*

Melanie Klein me foi apresentada no início da minha formação como psicanalista; primeiro na construção de uma escuta que apreendia por intermédio da minha análise e das supervisões e, depois, em minha vida acadêmica, quando precisava pensá-la para transmiti-la.

Os escritos de Melanie Klein não são complacentes com o leitor. O contato inicial com eles é difícil, seus textos convocam o leitor à busca de compreensão e, se ele não os abandonar, é porque percebe que se recusam a ser subordinados a um raciocínio explicativo, adaptativo.

Lembro o que diz Bion a respeito dos pressupostos básicos: eles têm uma carapaça social que aprisiona o sentido mais profundo, seja da obra, seja do comportamento, o que resulta em que sejam lidos ou interpretados num acordo que busca o mínimo de turbulência.

Uma leitura feita por meio de signos esvazia o sentido de uma obra pujante que necessita de uma mente que respeite o enigmático, tomando-o no sentido de mistério.

Keats, poeta inglês do século XIX, em carta dirigida ao seu amigo Reynolds, descreve o nascimento do pensamento virginal, *a nova ideia*:

. . . – e a Câmara dos Pensamentos Virginais escurece gradualmente e, ao mesmo tempo, todos os lados de suas muitas portas começam a se abrir – mas todas igualmente escuras – todas conduzindo a passagens escuras – Não podemos ver o equilíbrio entre o bem e o mal. Estamos em uma Neblina – é neste estado que nos encontramos – E sentimos o “peso do mistério”. (citado por Meltzer, 1995, p. 83)<sup>1</sup>

Este é o estado de mente que o psicanalista precisa ter frente ao texto de Klein para ouvir nele a nova ideia. E também para ouvi-la dentro de si e suporta-la à espera de que tome sua forma.

Klein, com sua escrita bruta, escrita feita de fezes, urina e de outros pruridos corporais, banhados pelo leite materno, às vezes reconhecido e às vezes negado, nos chega provocando conflito entre um pensamento, herdeiro da vertente iluminista, e um pensamento que suporta a obscuridade, a *capacidade negativa* de Keats (1817) (citado por Williams, 2019).

Olhar a obra de Klein dentro de uma perspectiva estética é respeitar o enigmático do texto e deixá-lo trabalhar dentro de nós, um *remise en chantier*, deixar que ele *remexa canteiros*; e é isso o que procurei fazer aqui neste texto que lhes apresento.

Williams (2018) põe em relevo a observação de que Meltzer compreendia o futuro da psicanálise como dependente do método e do processo que ele engendra. Ao mesmo tempo, afirmou que a compreensão desse processo enquanto *objeto estético* conduz a uma nova concepção do método psicanalítico, uma concepção que pensa “o método como uma forma de arte na qual duas mentes

---

1 Meltzer, em sua obra, faz referência à carta escrita por Keats mencionando que fora escrita em maio de 1918, sem contudo identificar a fonte.

juntas compreendem esse objeto estético e ambas agregam auto-conhecimento” (p. 227).

Ainda destaca que, para Bion e Meltzer, o campo de uma psicanálise é o *da tolerância das emoções contrárias de amor e ódio que estabelecem tensões*, na medida em que implicam perspectivas cognitivas diferentes e a conseqüente busca por uma congruência (p. 228).

A característica essencial de uma forma de arte diz respeito a uma estrutura simbólica que pode conter um significado e a uma capacidade de despertar empatia ou a identificação do leitor ou do espectador. Essas características correspondem às duas razões que, segundo Williams (2018), faziam Meltzer acreditar que a psicanálise sobreviveria: de um lado, por ajudar na formação do símbolo; e, de outro, pela interação transferência-contratransferência que veio a se constituir como um novo método para se alcançar isso.

Meltzer (1993) pensava a contratransferência como o sonho do analista. E o material onírico, do qual o sonho é um exemplo especial, reúne o ponto comum entre arte e psicanálise: a partir dele – do sonho – começa-se a pesquisar esta congruência.

Meltzer, em *Criatividade e Contratransferência* (1993), comenta: “A nova ideia ao final torna-se a ideia do objeto combinado e isso, para a Sra. Klein, significou o advento da posição depressiva” (p. 299).

Essa afirmação de Meltzer capta. Ela tem uma potência de muito dizer, a partir de dizeres que nos põem a trabalhar, quando apreciamos o trabalho que a mente tem para extrair, de si ou em si, o pensamento virginal. Isso é *remise en chantier*.

Proponho-me a pensar a *nova ideia* como a *Figura dos Pais Combinados*. Procuo rastrear aqui as diferentes facetas deste objeto – *Figura dos Pais Combinados* – por meio de alguns trechos de sessões de Richard, paciente da Sra. Klein, contidas na *Narrativa da Análise*

*de uma Criança* (1976). Mas antes de adentrar as sessões, tocarei em outros processos que envolvem o trabalho de Bion e Meltzer, porque, com eles, os pressupostos de Klein foram aprofundados.

Klein alcançou a formulação do superego por uma exigência clínica ao se deparar com a angústia em crianças muito pequenas.

Num primeiro momento, o *seio-mamilo* é o primeiro objeto que o bebê encontra e ele se constitui no mundo para o bebê: o seio-mamilo pode levá-lo às alturas, como também aos abismos.

A ele – *seio/mamilo* – logo se juntam os outros objetos parciais de intenso significado emocional: fezes, bebês e pênis. Todos *habitantes imaginários* do corpo da mãe, marcados pelo selo do Édipo arcaico. Todos representantes parciais das figuras parentais, ainda nos primórdios de uma mente que começa seu desenvolvimento pelo contato sensorial/emocional com o seu entorno mais significativo.

A necessidade de buscar sentido para a experiência emocional da angústia leva Melanie Klein (1930/1996) a se deparar com a questão do símbolo, que também lhe chega pela clínica ao analisar Dick, criança de 4 anos. Observou que ele parecia não se diferenciar entre seres humanos e objetos inanimados.

Klein conclui que assim Dick buscava não sentir angústia, às custas de não pensar. A angústia empurra a procura pelo sentido, pensá-la passa a ser a questão na psicanálise kleiniana.

Bion (1983) compreende a mente como dividida entre espaços simbólicos e não simbólicos. O autor desenvolverá essa problemática e formulará uma teoria sobre o pensar. Ele supõe a existência de uma função, a que chama de *função-alfa*, cuja capacidade seria a de transformar a matéria bruta da experiência emocional numa “matéria onírica”, como o sonho, por exemplo.

Essa “matéria onírica” tem uma potencialidade simbólica e, pelo trabalho da análise, vemos que ela pode se desenrolar ao infinito. É frequente voltarmos aos sonhos e constatarmos que eles ganham novos sentidos.

O símbolo significa, mas também permanece aberto a outros tantos sentidos, de modo que capturar radicalmente seu significado é impossível.

O material onírico, do qual o sonho é um tipo especial, reúne o ponto comum entre arte e psicanálise. A questão do *Objeto Combinado* é retomada por Meltzer em 1992.

Ali, traz um novo aporte à concepção do objeto combinado (*Figura dos Pais Combinados*) e o vê como fonte da criatividade ao afirmar que “há mistérios sobre o funcionamento mental que são essenciais, áreas misteriosas, onde a mente não consegue penetrar, seja nela própria, seja na de outra pessoa” (Meltzer, 1992, p. 404). Acrescenta o autor, ainda, que esta zona de mistério transforma a atmosfera da investigação analítica, na qual se espera que se respeite o mistério e que não se imprima um clima detetivesco, à busca de desvendar segredos (grifos da autora).

Bion (1996) propõe que a primeira realização da função-alfa na vida do bebê, ou seja, essa misteriosa transformação da emoção em símbolo, é feita pela mãe que alimenta esse bebê com seu leite e com seus devaneios. Eles chegam ao bebê por intermédio dos olhos dela, da sua voz, da maneira como o segura e tudo o mais.

Isto é, a mãe dá ao seu bebê, por meio do seu contato, *alguma coisa* que permite a ele ter seu próprio sonho – seu primeiro pensamento.

Esta experiência emocional é internalizada na figura de um seio-mamilo, mas um seio e um mamilo agora *pensantes*: “ora, se o bebê internaliza não apenas um seio e um mamilo que o alimentam, mas um seio e um mamilo pensantes, temos um superego pensante,

que será o iniciador do pensar sempre que o *self* se defronta com uma nova experiência emocional para a qual não tenha equipamento para pensar...” (Meltzer, 1992, p. 406).

O *seio-mamilo pensante* é um acréscimo significativo ao conceito de superego, enquanto objeto combinado. Ou seja, deixa de ser só uma figuração da concretude do mundo arcaico porque a mente infantil é agora capaz de imaginar: trabalho da função-alfa.

A passagem para um *seio-mamilo pensante* é importante na medida em que são possíveis diferentes variações em sua combinação: no nível infantil, é representado por *um seio-mamilo combinados*, e em níveis mais sofisticados *como papai e mamãe numa relação harmoniosa*. O espaço ocupado pela cena primária é agora imaginado e esse espaço pode ser penetrado imaginariamente e não intrusivamente, como acontece quando a dimensão do pensamento não pode se realizar. Nesse sentido:

*... neste nível a mente infantil pode imaginar que os pais precisam ter uma área de privacidade onde se recolher sem a companhia das crianças, ... uma área de quietude e intimidade. ... algo relacionado a seu ritual amoroso, ... algo semelhante a uma câmara nupcial, onde os objetos internos podem se recolher para fazer seus bebês que são pensamentos, símbolos, pensamentos de cuja matéria se fazem pensamentos. (Meltzer, 1992, p. 406)*

Segundo essa teoria, diz Meltzer (1992), toda função criadora considerada artística ou científica tem suas raízes na criatividade desses objetos internos. Essa criatividade, por sua vez, depende de os objetos internos terem permissão de se retirar para sua câmara nupcial e renovarem sua combinação um com o outro.

Até aqui, supondo que o desenvolvimento do bebê siga o caminho da reciprocidade estética, alcança-se uma forração psíquica, tecida pela função-alfa, que permite *pensar*, com a ajuda do *objeto combinado*, em sua face de objeto interno seio-mamilo pensante.

Esses pensamentos levam-me à segunda parte da frase de Meltzer. A nova ideia representada no conceito de Objeto Combinado “significou para a Sra. Klein o advento da posição depressiva” (Meltzer, 2019, p. 299).

O *objeto combinado* é o objeto estético por excelência porque dispara profunda experiência emocional. Meltzer (1995) propõe pensarmos que, desde o início, nossa mente se depara com um *conflito estético*. O autor veio a formular a importância deste conceito depois de anos de trabalho clínico com crianças autistas.

Francesco, uma delas, acompanhada por Meltzer, entra na sala para sua primeira sessão e, atônito, frente à analista, murmurou: “Você é uma mulher – ou uma flor!”

Num instante como aquele, diz Meltzer (1995), podia-se captar um lampejo da reação do recém-nascido no seu primeiro encontro com sua mãe e com o seio. Assim descreve:

*A devotada mãe comum apresenta ao seu lindo bebê comum um objeto complexo de extremo interesse, tanto sensorial, como infra sensorial. Sua beleza, concentrada como deve ser nos seios e na face, complicada em cada caso pelo mamilo e pelos olhos, bombardeia o bebê com uma experiência emocional de qualidade passional, resultando que o bebê seja capaz de ver estes objetos como lindos. Mas permanece desconhecido para o bebê o significado do comportamento de sua mãe, do aparecimento*

*e do desaparecimento do seio e da luz de seus olhos, de uma face na qual as emoções passam como sombras de nuvens sobre a paisagem. Afinal de contas, o bebê veio para uma terra estranha onde ele desconhece a linguagem e também as indicações e comunicações não-verbais costumeiras. A mãe lhe é enigmática; ela exhibe um sorriso de Gioconda . . . (Meltzer, 1995, p. 44)*

A delicadeza poética de Meltzer nos aproxima desse bebê que precisa esperar pelas definições do mundo interno de sua mãe. Segue o autor: “Isto é o conflito estético que pode ser enunciado . . . em termos do impacto estético do exterior da ‘linda’ mãe, disponível aos sentidos, e do enigmático interior que precisa ser construído pela imaginação criativa” (Meltzer, 1995, p. 44).

Richard, um menino de 10 anos, foi analisado por Melanie Klein (1976) em 1940. Ambos estavam numa cidadezinha na Escócia, refugiando-se dos bombardeios de Hitler sobre Londres. Richard fora levado à análise porque não conseguia mais ir à escola. Temia o contato com outros meninos e meninas, temia sair à rua.

Hitler, importante personagem de suas fantasias, era representado pelo **objeto parcial mau** – figurado como pênis mau. Era associado ao pai, ou ao próprio Richard, ou à mãe, constituindo, assim, a figura combinada de um pênis mau dentro da mãe. Como conta a autora:

*Na 27ª sessão, Richard comenta que deseja contar algo que muito o vinha preocupando. Receava que a cozinheira ou Bessie o envenenassem porque às vezes comportava-se mal com elas. As espiava com frequência para descobrir se as duas conversavam em alemão, examinava os vidros e garrafas da cozinha porque podiam conter veneno*

*que elas iriam misturar à comida. Richard tinha um aspecto torturado, demonstrando que se violentava para falar sobre isto. Aproximava-se da janela quando sua ansiedade aumentava e parecia exausto. Declarou que esses temores o deixavam muito infeliz e perguntou se M.K. poderia ajudá-lo a vencê-los. (Klein, 1976, p. 126)*

A ansiedade paranoide é constituída por uma suspensão na bondade do objeto: “Seu núcleo é uma confusão verdadeiramente grave entre o que o paranoide sente e aquilo que ele pensa. No âmbito dos seus sentimentos, ele é atraído pelo encanto pelo objeto; no âmbito dos seus pensamentos, ele se acha atemorizado pelo núcleo maléfico deste objeto” (Meltzer, 1990, p. 57).

Em nota escrita após a 25ª sessão, Melanie Klein (1976) faz uma formulação importante a respeito da natureza do objeto combinado no âmbito de objeto parcial, isto é, o pênis no seio. O seio e o mamilo combinados criam a confusão entre bom e mau. Meltzer (1990) acrescenta: “A discordância entre ser atraído para o seio e pensar que não se pode confiar no mamilo cria a atmosfera da angústia paranoide” (p. 57). Isso fratura a relação continente-contido e, nesta situação, o objeto interno – *objeto combinado* – não pode conter essa estranheza, essa ambiguidade.

Este é o cerne do *conflito estético*. A manifestação fundamental das paixões na sua relação com a beleza da mãe-mundo habita o *self* bebê em sua relação com a figura do *objeto combinado seio-mamilo*. Mas além do seio, o bebê tem o mundo interior do corpo da mãe a explorar. Essa exploração se faz mergulhada nas relações que entretém com o representante parcial dos pais: seio-mamilo-pênis.

A viagem épica de uma análise, na compreensão kleiniana, se dá na travessia *do corpo da mãe*, em que se batalha com o objeto combinado: *seio-mamilo-pênis*. Dessa batalha, o sujeito pode emergir

inteiro se puder reconhecer seus mortos, suas perdas, seu luto, ou permanecer aprisionado no Claustro (Meltzer, 2015).

A turbulência desses processos coloca o bebê frente a duas formas de penetração. Na primeira, o bebê, movido pela urgência de penetrar o interior deste corpo, seja pela voracidade, seja pela inveja, usará da penetração invasiva na ânsia de se apropriar dos conteúdos maternos desejados. É uma **penetração intrusiva** acompanhada da experiência emocional de uma penetração violenta por apossamento e, conseqüentemente, roubo daquilo que figura no imaginário do bebê como o pênis do pai e outros equivalentes simbólicos, por exemplo, fezes e bebê.

Exemplo do mundo contemporâneo: Luciano Hang, o dono da Havan, sempre vestido de verde-amarelo, não hesita em internar sua mãe, adocida pela Covid-19 e tratá-la com o *kit* hidroxicloroquina, para se beneficiar, como apoiador das teses do Presidente Jair Bolsonaro, das benesses da Presidência da República.

O componente verde-amarelo, nesse caso, significa um falseamento da relação entre os pares do *objeto combinado* – o *vínculo negativo* entre *Amor*, *Ódio* e *Conhecimento* –, simula uma falsa conexão. A aparência pode justificar a ação que, entretanto, é mentirosa porque conhecemos os interesses parasitas que a sustentam. E, também, a ingenuidade ou a fé, no sentido de um “humanismo frouxo”, não são passíveis de aceitação pela mente que exige a verdade. Esta só existe na coerência explicitada pela relação simbólica que o *objeto combinado* precisa alcançar para uma relação de pertinência entre continente-contido.

Vejamos um pouco mais sobre isso.

Na XXI Jornada Anual, do Departamento Formação em Psicanálise (2020), apresentei o artigo “A face estética do objeto interno: aportes de Donald Meltzer ao conceito de posição depressiva de Melanie Klein”. Nele teci considerações que nos ajudam a compreender

a relação entre dor mental e pensamento. A dor mental foi objeto das reflexões de Klein que, a princípio, a viu, à semelhança de Freud, como produto da frustração dos impulsos de vida. Mas a *Inveja*, conceito desenvolvido por Klein em 1957, a fez deparar-se com uma motivação que não pode ser explicada pela frustração do impulso de vida.

Isso introduziu uma ambiguidade à questão: o que até então fora visto como amor ou ódio ao objeto, resultante da frustração dos desejos por ele, faz Melanie Klein deparar-se com o *desejo de não desejar*: o objeto real, visto como eternamente insuficiente, é menosprezado em relação a um objeto ideal. Segundo Meltzer (1995), Bion resolve essa ambiguidade ao deslocar o entendimento da dor mental, como resultado da frustração do impulso de vida, para um vínculo mais complexo com o objeto.

Para Bion (1983), a relação com o objeto envolve Amor (L), Ódio (H) e Conhecimento (K). Esses conceitos são construídos para tentar dar conta da complexidade desta relação que permeia o vínculo com o outro e, sobretudo, propõem que o destino desses processos dependa da evolução do conhecimento interno. Os *vínculos positivos* (causados pela frustração dos impulsos de vida) estão ligados entre si, e o conhecimento (K) pode ser a forma de ultrapassar a oposição entre essas emoções, evoluindo no sentido do conhecimento interno. Os *vínculos negativos* são característicos das relações em que prevalecem cinismo e hipocrisia, pelo falseamento da verdade.

O conflito entre as séries positivas e as negativas é acrescido com o efeito provocador da *mudança catastrófica*. A *mudança catastrófica* é um conceito de Bion trabalhado por Williams (2018) no capítulo II de seu livro *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise. Ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*. Ali, articula-o ao conceito de *Conflito estético* de Meltzer (pp. 65-106). A *ideia nova*, aquela que

traz o potencial para a mudança, cai sobre a mente como uma *catástrofe*, pois, para ser assimilada, detona o fluxo da estrutura cognitiva. A catástrofe tem o sentido provocador de turbulência emocional e quem a vive pode decidir-se a prosseguir, suportando a dor mental, ou a se evadir pela cisão ou pela distorção do pensamento.

A outra forma de penetração é a **penetração imaginária**: toda a cena anteriormente descrita se passa no imaginário do bebê e é também acompanhada de turbulência, mas este bebê pode *sofrê-la*, ele é capaz de sofrer a dor mental.

Britton (2003), em um artigo denominado “O outro espaço e o espaço poético”, descreve o que é esse imaginário. Recorre a Gaston Bachelard, que lhe inspira a ideia do espaço imaginário, “um quarto que o autor traz dentro de si mesmo e que ele tornou vivo com uma vida que não existe na vida” (Bachelard, 1964, pp. 228-229, citado por Britton, p. 176).

Britton (2003) concebe esse outro quarto como aquele onde a *cena primária* acontece. Para que esse outro quarto possa existir, é necessário que o indivíduo tenha alcançado uma posição em que pode observar a relação entre outros dois. Um espaço triádico como uma zona neutra de ilusão. A partir dele, o sujeito pode imaginar outro *quarto* para onde os pais se retiram: a cena primária é, então, imaginada, mas o sujeito não a vê. Para o autor, Melanie Klein colocou-a no centro dos acontecimentos que se desenrolam em torno da *imaginação* da relação sexual entre os pais, um molde psíquico que tomará forma quando for preenchido pelos acontecimentos no Édipo arcaico.

O *Objeto Combinado* forma um casal, fonte de profunda provocação emocional para o bebê e fonte da poesia ou do filistinismo: ou seja, o sujeito que habita este bebê pode optar por seguir um curso evolutivo pessoal em direção à transformação da sua dor em poesia, um produto sofisticado, simbólico, que reúne o conhecimento na

sua vertente emocional e intelectual. Ou pode evitar sua dor mental, optando pela hipocrisia, com um deslocamento da dor para um campo em que se ganha domínio por intermédio do falseamento da verdade.

Então, o sonho de Richard na 85ª sessão: “Richard contou que tivera um sonho, ao mesmo tempo assustador e emocionante. Algumas noites atrás sonhara também com duas pessoas que juntavam os respectivos genitais” (Klein, 1976, p. 429).

A seguir, Richard passa a contar com imenso prazer o sonho mais recente, deixando o primeiro para trás:

*Nele via M.K. parada em um ponto de ônibus... O ônibus passou e não parou. Richard correu atrás dele, mas não o alcançou. Richard seguiu caminho em outro carro. Nele estava uma família feliz, os pais eram de meia-idade e tinham vários filhos que eram simpáticos. Havia também um gato enorme que mordera o cão de Richard, mas depois passaram a se entender. Um novo gato aparece e persegue o seu gato, mas também tudo acabou bem. O carro passou por uma ilha que ficava dentro de um rio. Na margem do rio, o céu era completamente negro e negras eram também as árvores; a areia tinha cor normal, embora as pessoas fossem pretas também. Havia ali toda espécie de criatura, aves, animais, escorpiões, todos negros. E todos, pessoas e animais, estavam completamente imóveis. Era aterrador. (Klein, 1976. pp. 428-429)*

Richard explica que a ilha não era completamente negra, tinha algum verde e no céu havia também algumas nesgas azuis. **Mas a imobilidade era terrível.**

Então, Richard chama: “Ei, aí. E então tudo adquire vida novamente. Ele rompera o feitiço. E tudo ficou alegre” (p. 429).

M. K. pergunta a Richard sobre seu outro sonho. Ele conta animado: “Vira duas pessoas deitadas lado a lado. Estavam fora de ‘X’, em algum lugar ao ar livre. E ambos nus, como Adão e Eva. Disse que via seus genitais, eram enormes e tudo era muito desagradável (Klein, 1976, p. 431). O primeiro é um belo sonho, no qual o trabalho onírico opera e figura o mundo interno de Richard na luta contra seus aspectos “venenosos”, que, na sessão anterior, estavam projetados em Bessie e na cozinheira. O sonho em dois tempos: o tempo da morte; e o tempo da vida. A luta entre “eu morto” e “eles mortos” é transcendida pelo *Ei*. *Ei* é aqui a *palavra símbolo* que contém o momento da *mudança catastrófica* (Bion, 1970, citado por Williams, 2018, p. 90).

Meltzer (1990) vê no segundo sonho um importante prelúdio para o sonho da “ilha negra” com sua esperança de que essa destruição fosse reversível na realidade psíquica, de que “os objetos mortos, os bebês mortos, pudessem ser trazidos de volta à vida por boa vontade para com a relação sexual boa e criativa dos pais internos” (p. 161). Aqui, o Objeto Combinado é um objeto interno, ainda “bebê”, digamos: ele é bizarro, disforme, mas já mais desinvestido das identificações projetivas de Richard e ajuda-o a resgatar a vida para seus objetos internos e, conseqüentemente, para sua vida. “Os deuses da mente são representados pelas qualidades macho-fêmea do objeto combinado kleiniano, e o crescimento da mente ocorre em relação não só à restauração do ‘deus-mãe’, mas à evolução do ‘deus-inefável’” (Bion, 1970, citado por Williams, 2018, p.156).

A evolução do “deus-mãe” para o “deus-inefável” só pode acontecer se a viagem épica do *bebê conhecedor* tiver sido sensorialmente trilhada pelo interior do corpo da mãe, como vimos com Richard. O deus-mãe-inefável é o norte simbólico de uma análise, nunca alcançável, sempre um norte que se trasveste na questão do momento para ser apreendido dentro da sua fugacidade. *A trilha percorrida por Richard* é colorida: o preto do pai, o azul da mãe, o roxo de Paul (irmão) e o vermelho de Richard.

Estas eram as cores do *Império – o corpo da mãe* –, objeto de conquistas em batalhas sangrentas, em que o próprio objeto interno – Mãe – participava de formas diferentes: ora vitimado pelos desejos vorazes de apossamento, ora, quando aliado ao objeto interno Pai, combatia e procurava destituir Richard da sua (oni) potência fálica. Ou, ainda, quando os representantes bebês, também vorazes, buscavam atacar a aliança entre os pais internos.

Essa trama complexa, vivida numa sala de análise, se fazia representar pelas figuras da Segunda Guerra Mundial: Hitler era o representante principal da destrutividade. Em contraposição, em outro cenário, temos Dick, o garoto de 4 anos que não distinguia um objeto inanimado de uma pessoa: na sala de análise não diferenciava Melanie Klein dos móveis da sala.

Melanie Klein (1930/1996) constrói sua teoria sobre a formação dos símbolos quando tem a experiência de análise com Dick. Essa experiência a levou à hipótese de que é necessário suportar a ansiedade dos próprios impulsos sádicos, dirigidos contra objetos amados, em especial a mãe, para constituir o símbolo.

O que em Richard era um movimento positivo em direção à exploração sádica do corpo da mãe, em Dick temos a inibição, a negatividade. Dick inibe-se enquanto sujeito de uma ação destrutiva. Assim: “. . . o que imobilizou a formação de símbolos era o medo do que lhe seria feito (principalmente, pelo pênis do pai) caso penetrasse o corpo da mãe. A defesa contra os impulsos sádicos dirigidos contra o corpo da mãe e seu conteúdo – impulsos ligados a fantasias do coito – resultou na suspensão das fantasias e na interrupção da formação de símbolos” (Klein, 1930/1996, p. 256).

Como Melanie Klein conseguiu fazer Dick chorar?

Em outras palavras, como Melanie Klein despertou angústia em Dick para fazê-lo perceber-se humano, e não um vegetal? Na primeira vez que veio ao consultório, Dick não chorou ao se separar

da babá e não demonstrou interesse por nada. Klein, então, inicia um jogo para Dick (p. 257). Colocou um trem grande a que chamou de *trem-papai* e um trem menor a que chamou de *trem-Dick*. Dick pega o *trem-Dick* e dirige-o para uma janela e diz “estação”. Melanie Klein diz: “A estação é a mamãe e Dick está entrando dentro da mamãe”. Larga o trem e corre para um espaço entre as portas do consultório e diz: “Escuro”. E saiu correndo na mesma hora. Melanie Klein diz a ele: “É escuro dentro da mamãe. Dick está dentro da mamãe escura”.

Aqui não há o mundo colorido, ainda que sangrento, onde Richard habita. Aqui, o mundo onde Dick habita é um interior escuro, onde nada se distingue porque é um vazio na “ausência” de vida emocional. É necessário acordar Dick para a travessia épica, aquela em que precisa lidar com o *objeto combinado*: mãe e pai, enquanto objetos parciais, mediante a exploração agressiva, das perdas e dos lutos consequentes, para resgatar vida para seus objetos e para ele.

Com Dick e Richard, encontramos a constituição do pensamento em dois tempos: do ventre escuro da *mamãe de Dick* aos primeiros objetos internos que se recriam no interior da câmara secreta, que trazem à luz o pensamento como primeiro rebento, fruto do sexo misterioso entre o casal primário ou casal primeiro. O pensamento é consequente à interiorização pelo *self* bebê que consente que este primeiro casal tenha uma câmara privada para a qual se retira. O *self* bebê suporta a separação para consentir a criação: aqui encontramos Richard no *ventre claro-escuro* da Sra. Klein na travessia de sua análise.

O casal primário – o *objeto combinado* – pensado por Klein é tanto o objeto continente, que acolhe e germina a *nova ideia* (o *pensamento virginal*), como o objeto que a recusa ou a distorce.

Para se chegar a Richard, é preciso sair do *ventre escuro* da mamãe de Dick e enfrentar o apaixonamento e a desconfiança – o *Conflito Estético* – para imaginar esse interior. Poder imaginar e penetrar sem invadir, reverenciando esse interior que se mantém sagrado

em seu mistério. A leitura de Meltzer coloca Melanie Klein como a primeira pós-kleiniana, pensando em uma “poética” para uma leitura estética do encontro entre Richard e Klein, no qual “duas mentes juntas compreendem esse objeto estético e ambas agregam autoconhecimento” (Meltzer, citado por Williams, 2018, p. 227).

A experiência emocional vulcânica, provocada pelo *objeto combinado*, está lá desde os inícios da vida psíquica e só pode ser apreendida se nos descolarmos de uma compreensão explicativa para uma posição que vê desenrolarem em si mesma as ressonâncias que o encontro com esse objeto provoca. Uma imagem de círculos concêntricos nos ajuda a compreender: no centro do círculo, encontra-se essa figura que provoca ondas que se expandem ao infinito, e essas ondas podem vitalizar o espaço da arte, isto é, a poesia, a música, a literatura e o espaço da análise, quando surgem em nossos sonhos e em nossas inquietações.

## Referências

- Bion, W. (1983). Une théorie de l'activité de pensée. In W. Bion, *Réflexion faite* (pp. 125-135). Paris: Press Universitaires de France.
- Bion, W. (1966). O aprender com a experiência. In *Os elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Britton, R. (2003). O outro quarto e o espaço poético. In R. Britton, *Crença e imaginação: explorações em psicanálise* (L. P. Chaves, trad.). Coleção Nova Biblioteca de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1976). *Narrativa da análise de uma criança*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1957). Inveja e Gratidão. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1953)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

- Klein, M. (1930). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Meltzer, D. (1990). *O desenvolvimento kleiniano II*. São Paulo: Escuta.
- Meltzer, D. (1992). Além da consciência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 26(3), 397-408.
- Meltzer, D. (1995). Conflito estético: seu lugar no processo de desenvolvimento. In D. Meltzer, *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Meltzer, D. (1992/2015). *O claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos*. Reino Unido: Karnac Book.
- Meltzer, D. (1993). Criatividade e a contratransferência. In M. H. Williams, *O vale da feitura da alma* (p. 293). São Paulo: Blucher, 2019.
- Viana, S. A. A face estética do objeto interno: aportes de Donald Meltzer ao conceito de posição depressiva de Melanie Klein. Trabalho apresentado em XXI Jornada de Membros do Departamento Formação em Psicanálise. Evento online, 12 nov. 2020. São Paulo, SP. (Texto não publicado).
- Williams, M. H. (2018). *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise – ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*. São Paulo: Blucher; Karnak.
- Williams, M. H. (2019). *O vale da feitura da alma*. São Paulo: Blucher.



*Os capítulos deste livro iluminam facetas* do pensar e pensa o próprio processo de pensar. Iluminar remete à metáfora “dar à luz” pensamentos (representados por lâmpadas nas estórias em quadrinhos) e implica em fertilização, concepção, desenvolvimento, nascimento e potencialidade criativa da mente. O aforismo cartesiano “Penso, logo existo” estimula o psicanalista a debruçar-se sobre situações em que o ser humano não se sente suficientemente existente. Os ataques à capacidade de pensar remetem à sensação de que a vida não vale a pena, que se esvai, ou na criação de um falso mundo alucinado, ou na impressão de que se vive em mundo confuso e ameaçador, por exemplo. As reflexões efetuadas pelos autores têm como pano de fundo a obra de Klein e de Bion e conduzem às vicissitudes dos processos de simbolização. O leitor, certamente, se lembrará do mito da expulsão do paraíso, dos perigos de comer o fruto da árvore do conhecimento e do castigo que obriga o ser humano a pensar a vida na Terra, onde o que antes era dado terá que ser conquistado e transformado.

**R. M. S. Cassorla**

*Psicanalista, Membro da SBPSP e SBPCamp e Prof. Titular da Unicamp*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-515-2

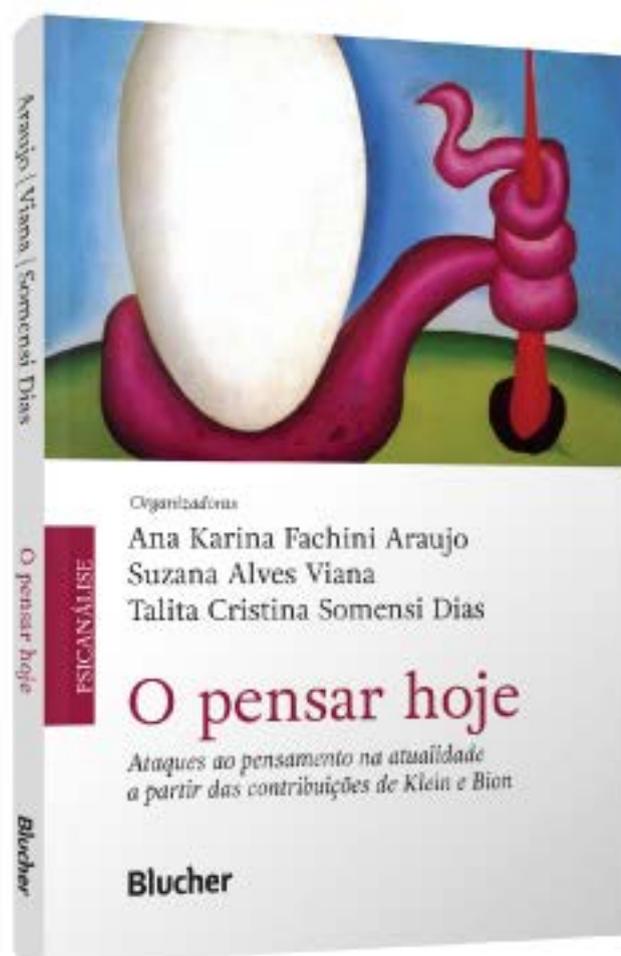


9 786555 065152



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## O Pensar Hoje

Ataques ao pensamento na atualidade  
a partir das contribuições de Klein e Bion

---

**Ana Karina Fachini Araujo, Suzana Alves Viana e Talita Cristina Somensi Dias**

ISBN: 9786555065152

Páginas: 296

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022

---